

BOLETIM ECONÔMICO - CONSTRUÇÃO CIVIL EM ANÁLISE



CONSTRUÇÃO CIVIL EM ANÁLISE Nº 28
JUNHO 2018

ÍNDICE

CONSTRUÇÃO CIVIL: Falta de Credito Trava Retomada da Construção.....	02
ATIVIDADE DA CONSTRUÇÃO EM MAIO.....	04
1 – DADOS CAGED.....	04
1.1 – SALDO MENSAL DE EMPREGO NA CONSTRUÇÃO CIVIL DO ESTADO DO PARÁ.....	04
1.2 INDUSTRIA DA CONSTRUÇÃO TEM ALTA EM ADMISSÕES NO MÊS DE ABRIL NO ESTADO.....	04
1.3– SALDO ANUAL DE EMPREGO DA CONSTRUÇÃO CIVIL E ATIVIDADES ECONÔMICAS DO ESTADO	05
1.4 – PARTICIPAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NA BALANÇA DE EMPREGOS	06
1.5 – SALDO DO EMPREGO FORMAL POR MUNICÍPIO E SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA (CONSTRUÇÃO CIVIL) MAIO 2018.....	06
1.6 – DEMISSÕES POR MUNICÍPIO (Gráfico).....	06
2 – PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB).....	07
2.1 – Prévia do PIB pelo IBGE tem alta de 0,4% no primeiro trimestre de 2018.	07
3 - MERCADO SOBE ESTIMATIVA DE INFLAÇÃO E BAIXA PREVISÃO DE ALTA DO PIB PARA 2018	08

FALTA DE CREDITO TRAVA RETOMADA DA CONSTRUÇÃO

Sem crédito para a produção e com sucessivos aumentos dos preços dos insumos, a indústria da construção civil deve continuar estagnada neste ano. "Não vai ter crescimento", disse o presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), José Carlos Martins. Se os gargalos que impedem a expansão da atividade do setor forem superados a tempo, no melhor dos cenários, ele estima que a construção, que teve contração de 5% em 2017, pode vir a registrar um crescimento de 0,5%.

A construção civil depende de crédito para financiar os investimentos e, também, de segurança jurídica. Atualmente, segundo Martins, ela está carente dos três. Mesmo quando a economia dava sinais de crescimento, os indicadores do IBGE para o setor não eram os mais promissores. No primeiro trimestre de 2018, enquanto o país cresceu 0,4% a construção recuou 0,6%. A esse quadro somam-se as incertezas políticas decorrentes das eleições, desestimulando ainda mais novos investimentos.

As restrições fiscais levaram a uma substancial queda dos investimentos públicos. No caso do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), substituído pelo Avançar, o recuo é gritante: dos R\$ 64 bilhões executados em 2014, o orçamento para 2019 aloca somente R\$ 17 bilhões. A solução é o investimento privado mas, para estimulá-lo o governo teria que assegurar que vai conseguir quitar suas contas no futuro. Segundo Martins, é fundamental que o presidente que vier a ser eleito em outubro se comprometa com a aprovação da reforma da Previdência Social, primeiro passo para recuperar as finanças públicas.

A ausência de segurança jurídica é mais um constrangimento que, combinado à retração dos investimentos e a escassez de crédito, estrangulam a construção civil.

O distrato, cujo projeto foi aprovado na Câmara e aguarda votação do Senado, e o aumento dos preços do asfalto são alguns dos aspectos da insegurança que dificultam a reação do setor.

Esse é o caso, por exemplo, dos contratos firmados entre as empresas e o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), para obras de manutenção e extensão de rodovias. Martins avalia que as construtoras não terão como absorver esse impacto. "A Petrobras", disse ele, "está fechada ao diálogo".

A greve dos caminhoneiros gerou prejuízo superior a R\$ 3 bilhões, segundo cálculos da CBIC. O tabelamento do frete é um desdobramento da greve que também trará efeitos negativos para o setor.

O aumento dos preços de importantes insumos da construção foi um dos temas de reunião entre Martins e o presidente Michel Temer na segunda-feira. Segundo Martins, Temer disse que a equipe econômica vai avaliar a situação.

Para tentar superar a restrição ao crédito, ele informou que propôs ao Banco Central uma revisão dos instrumentos que podem ser utilizados pelas instituições financeiras para atestar o cumprimento das exigibilidades de aplicação no mercado imobiliário. Pelas regras atuais, os bancos estão obrigados a aplicar 65% dos recursos da caderneta de poupança em

financiamentos habitacionais. Dos 65%, 80% devem ser direcionados em operações do Sistema Financeiro de Habitação, que opera com imóveis com valor de até R\$ 750 mil.

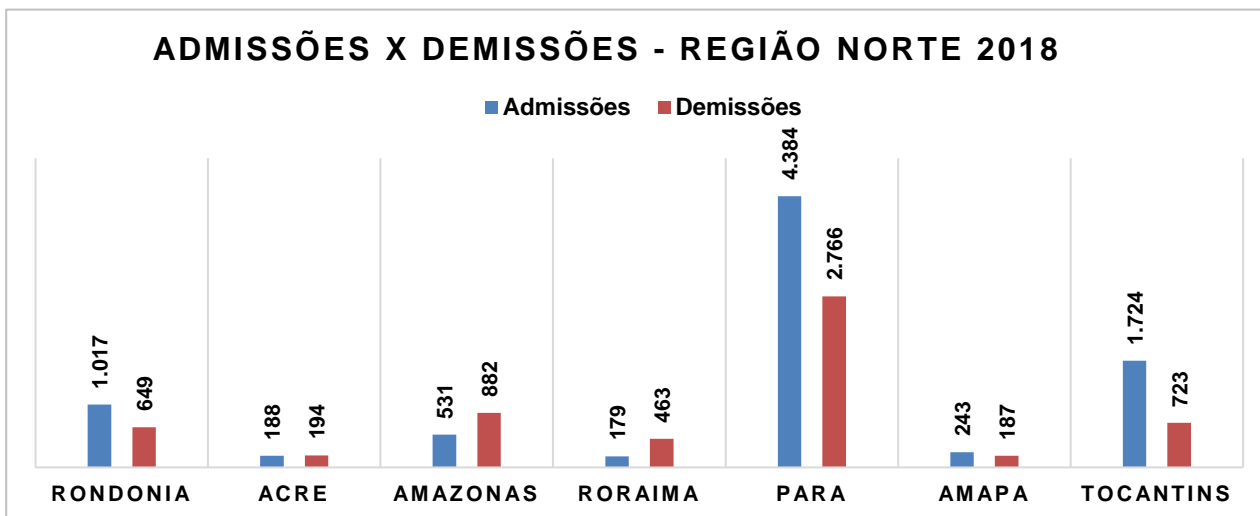
Em recessão há 15 trimestres, a indústria da construção civil é um dos setores da economia que pode gerar rapidamente emprego e, portanto, renda. Para isso, o governo deveria destravar e acelerar os projetos de concessão.

Link relacionado:

<http://www.valor.com.br/brasil/5600435/falta-de-credito-trava-retomada-da-construcao>

1 - DADOS CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados)

1.1: Região Norte – Demissões do Setor da construção civil na Região.



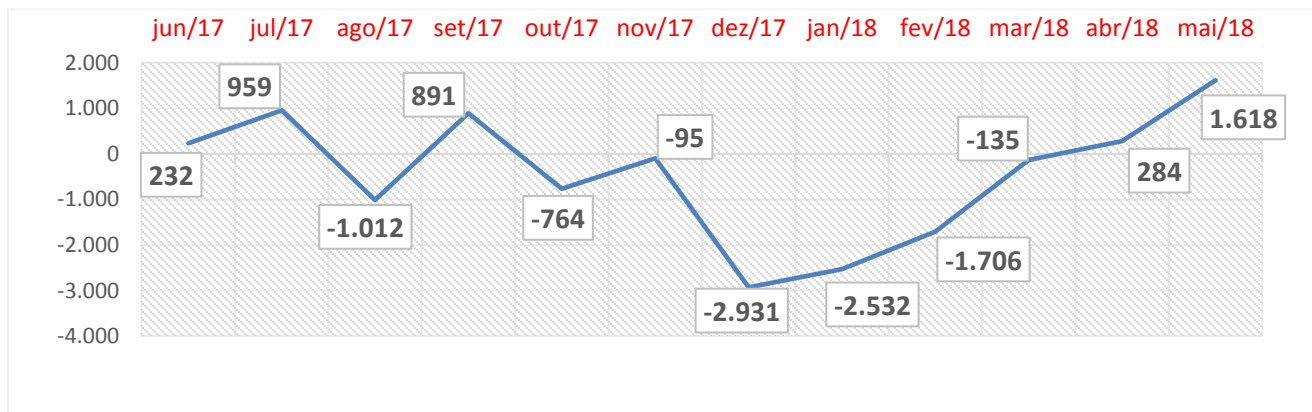
Fonte: Evolução de Emprego do CAGED – EEC

1.2: Indústria da construção tem alta em admissões no mês de Abril no estado.

A construção civil no estado do Pará teve saldo positivo no mês de Maio, 4.384 Admissões, com isso o estado apresenta um alto crescimento comparado ao o mês anterior, onde teve saldo de (2.983), Maio obteve uma pequena alta no índice de desemprego com 2.766 comparando a 2.699 anteriormente.

Uma análise feita dos últimos 12 meses no estado do Pará, apresentou um saldo negativo de 46.798; entre os municípios que mais demitiram no período, destacam-se: Belém (-13.950), Parauapebas (-4.776), Barcarena (-3.618), e Ananindeua (-3.089). considerando todos os setores da economia do estado, o setor da Construção Civil continua liderando todas as estatísticas de desemprego.

Abaixo os números referentes aos saldos da Construção Civil dos últimos 12 meses no estado do Pará.

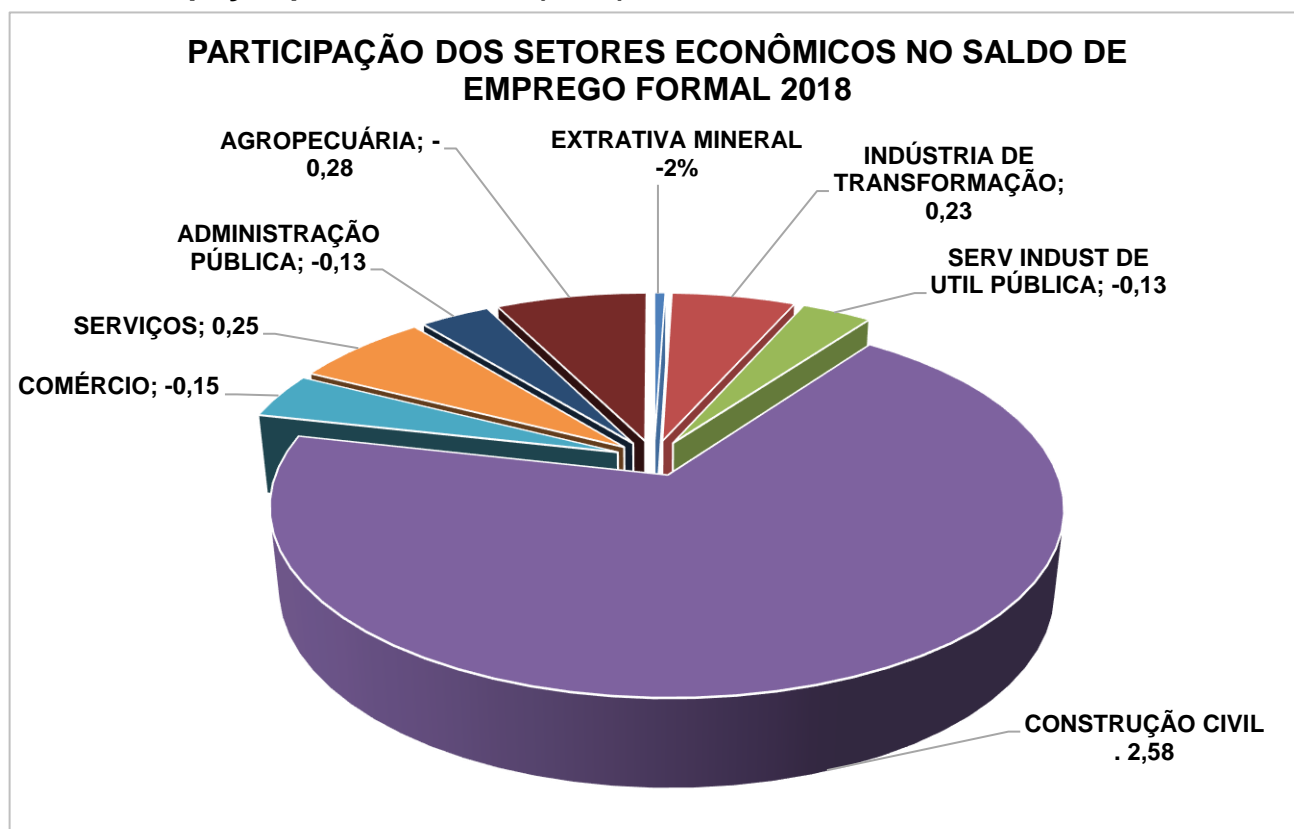


1.3: Saldo Anual de Empregos Formais e Nível de Participação da Construção Civil em Relação a Outras Atividades Econômicas.

SÉRIE HISTÓRICA 2011 A 2018

Ano	Total Admis.	Total Deslig.	Saldo Construção Civil	Saldo Atividades Econômicas	Part. % Construção Civil	Estoque de emprego
2011	76.299	62.995	13.304	52.505	0,25	79.913
2012	84.650	72.433	12.217	37.846	0,32	94.120
2013	101.350	83.368	17.982	29.616	0,61	109.142
2014	113.748	110.347	3.401	17.016	0,20	126.120
2015	77.666	102.770	-25.104	-37.828	-20,61	90.275
2016	46.796	68.242	-21.446	-39.869	-21,53	64.690
2017	43.637	49.815	-6.178	-7.412	-8,10	56.170
2018	15.425	17.687	-2.262	0,19	-3,39	53.908

1.4 – Participação por setor - Pará (2018)



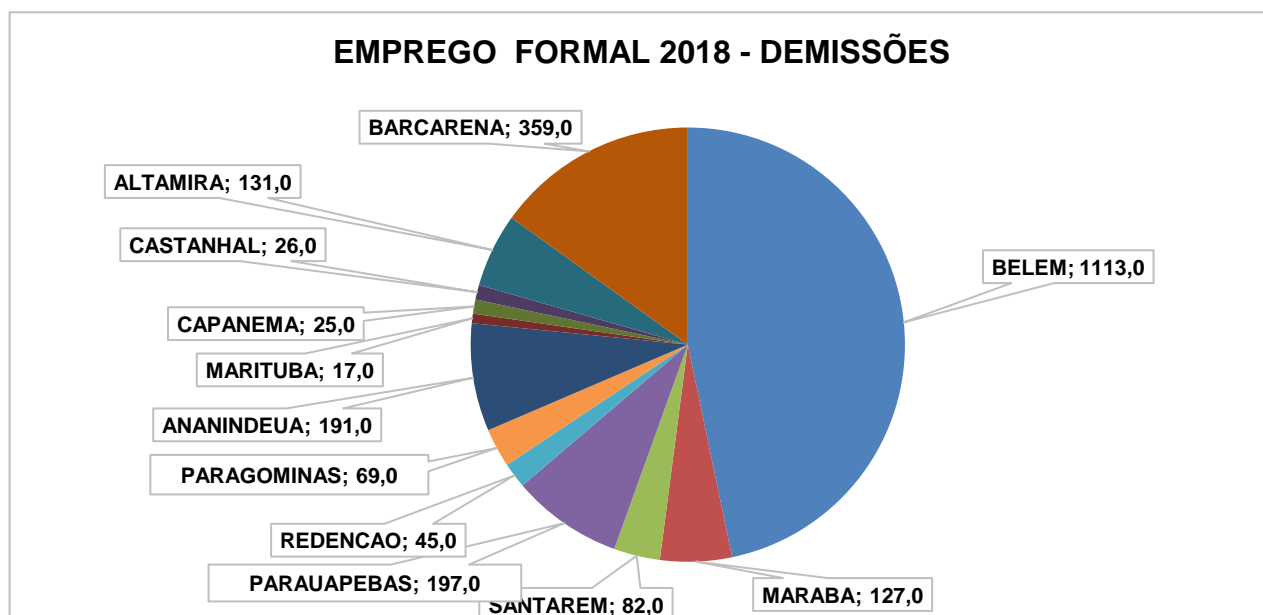
Fonte: MTE

1.5: Saldo do Emprego Formal por Município e Setor de Atividade Econômica (Construção Civil) Abril 2018

Municípios	Admissões	Demissões	Saldo
Belem	992	1.113	-121
Maraba	128	127	1
Santarem	38	82	-44
Parauapebas	246	197	49
Redencao	160	45	115
Paragominas	126	69	57
Ananindeua	201	191	10
Marituba	12	17	-5
Capanema	64	25	39
Castanhal	16	26	-10
Altamira	145	131	14
Barcarena	429	359	70
Outros	426	317	109
TOTAL	2.983	2.699	284

Fonte: MTE

1.6 Gráfico – Demissões por município (CONSTRUÇÃO CIVIL, MAR 2018)



Fonte: MTE

Link relacionado:

<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>

2. PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

2.1 Prévia do PIB pelo IBGE tem alta de 0,4% no primeiro trimestre de 2018.

O PIB apresentou crescimento de 0,4% na comparação do primeiro trimestre de 2018 contra o quarto trimestre de 2017, levando-se em consideração a série com ajuste sazonal. É o quinto resultado positivo após oito quedas consecutivas nesta base de comparação. A Agropecuária teve expansão de 1,4%, a Indústria e os Serviços variação positiva de 0,1%

Na Indústria, houve expansão de 2,1% na atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana e de 0,6% na Extrativa mineral. Já Indústria de Transformação (-0,4%) e Construção (-0,6%) recuaram no trimestre

A Construção segue apresentando resultados negativos na comparação contra igual período do ano anterior, recuando 2,2% nos três primeiros meses do ano. Na mesma direção, a Extrativa Mineral caiu 1,9%, puxada pela queda tanto da extração de petróleo e gás natural como de minérios ferrosos. A atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, por sua vez, registrou expansão de 0,6%, favorecida pela permanência da bandeira tarifária verde no primeiro trimestre de 2018.

A Formação Bruta de Capital Fixo avançou 3,5% no primeiro trimestre de 2018, o segundo resultado positivo depois de quatorze trimestres de recuo. Este aumento é justificado pelo aumento da importação e produção de bens de capital, já que a construção manteve desempenho negativo. A Despesa de Consumo do Governo, por sua vez, teve contração de 0,8% em relação ao primeiro trimestre de 2017.

Dentre as atividades industriais, Indústria da Transformação (2,8%) Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (0,1%) e Extrativa Mineral (1,6%) apresentaram crescimento. A Construção sofreu contração de 3,9%.

PIB a preços de mercado (R\$), Classes de atividade no valor adicionado a preços básicos e componentes do PIB pela ótica da despesa

SETORES E SUBSETORES	BRASIL
Agropecuária - total	93.946,00
Despesa de consumo da administração pública	1.046.311,00
Despesa de consumo das famílias	4.161.220,00
Exportação de bens e serviços	210.278,00
Formação bruta de capital fixo	263.155,00
Importação de bens e serviços (-)	208.400,00
Impostos líquidos sobre produtos	240.477,00
Indústria total	291.651,00
PIB a preços de mercado	1.641.110,00
Serviços total	1.015.037,00

Fonte: IBGE/CONSTRUÇÃO MERCADO

Link relacionado:

ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Nacionais/Contas_Nacionais_Trimestrais/Fasciculo_Indicadores_IBGE/pib-vol-val_201801caderno.pdf

Ano: 06

Edição: 29

MERCADO SOBE ESTIMATIVA DE INFLAÇÃO E BAIXA PREVISÃO DE ALTA DO PIB PARA 2018

Previsão de analistas para a inflação deste ano passou de 3,50% para 3,60%, e de alta do PIB recuou de 2,50% para 2,37% em 2018

As previsões estão no mais recente relatório de mercado, também conhecido como Focus, divulgado nesta segunda-feira (28) pelo Banco Central. O levantamento é fruto de pesquisa com mais de 100 instituições financeiras na semana passada.

A expectativa do mercado para a inflação em 2018 avançou de 3,50%, na semana retrasada, para 3,60% na última semana.

O percentual esperado pelos analistas continua abaixo da meta que o Banco Central precisa perseguir para a inflação neste ano, que é de 4,5%. Entretanto, está dentro do intervalo de tolerância previsto pelo sistema, que considera que a meta terá sido cumprida pelo BC se o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficar entre 3% e 6%.

Para o resultado do PIB em 2018, os economistas dos bancos baixaram a previsão de crescimento de 2,50% para 2,37%. Foi a quarta queda seguida do indicador. Para o ano que vem, a expectativa do mercado para expansão da economia continua em 3%.

O Produto Interno Bruto é a soma de todos os bens e serviços produzidos no país e serve para medir a evolução da economia. Em 2016, o PIB teve uma retração de 3,5%. Em 2017, cresceu 1% e encerrou a recessão no país.

Os analistas do mercado subiram de 6,25% para 6,50% ao ano sua previsão para a taxa básica de juros da economia, a Selic, ao final de 2018.

Com isso, o mercado se alinhou com a decisão recente do Banco Central de não baixar os juros e de informar que a taxa deve permanecer inalterada no atual patamar de 6,50% ao ano.

Link relacionado

<https://g1.globo.com/economia/noticia/mercado-sobe-estimativa-de-inflacao-e-baixa-previsao-de-alta-do-pib-para-2018.ghtml>